



ALÉM, PORÉM AQUI: EDUCAÇÃO, FUTURO E ENFRENTAMENTO AO REALISMO CAPITALISTA EM GRUPOS DE CONSUMO RESPONSÁVEL E SOLIDÁRIO

*BEYOND, YET HERE: EDUCATION, THE FUTURE, AND
CONFRONTING CAPITALIST REALISM IN RESPONSIBLE AND
SOLIDARY CONSUMPTION GROUPS*

DOI: 10.5281/zenodo.20127983



*Laís Vargas Ramm¹
Póti Quartiero Gavillon²
Vanessa Soares Mauren³*

RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa realizada com três grupos de consumo responsável (GCRs) e duas cooperativas de consumo em torno de suas práticas educativas e de sua relação com o futuro. Tomamos o conceito de realismo capitalista, encontrando pistas de que a participação em empreendimentos de economia solidária articulados pelo consumo pode permitir a experiência de outras possibilidades de realidade, para além da lógica neoliberal a que está submetida nossa atmosfera social e a formação das subjetividades. Foram feitas oficinas e entrevistas, a partir de excertos das quais aqui encontramos elementos sobre uma ética educativa, exercida em contextos formais e não-formais, comprometida também com os não-humanos que compõem as comunidades. Descrevemos tanto a presença da exaustão política, que caracteriza o realismo capitalista, quanto o reconhecimento da importância do fortalecimento de coletividades politicamente engajadas nos grupos.

1 Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psicóloga Escolar da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

2 Doutor em Psicologia Social e Institucional (UFRGS).

3 Doutora em Informática da Educação (UFRGS). Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional, professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.





Palavras-chave: Realismo capitalista. Economia solidária. Grupos de Consumo Responsável.

ABSTRACT

This article presents research conducted with three responsible consumption groups (RCGs) and two consumer cooperatives, focusing on their educational practices and their relationship with the future. Drawing on the concept of capitalist realism, we identify indications that participation in solidarity economy initiatives organized through consumption may enable the experience of alternative realities beyond the neoliberal logic to which our social atmosphere and the formation of subjectivities are subjected. Workshops and interviews were conducted, from whose excerpts we identify elements of an educational ethic, carried out in formal and non-formal contexts, also committed to nonhuman entities that constitute communities. We describe both the presence of political exhaustion, characteristic of capitalist realism, and the recognition of the importance of strengthening politically engaged collectivities within these groups.

Keywords: Capitalist Realism. Solidarity Economy. Responsible Consumption Groups.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada junto a grupos de consumo responsável (GCRs) e cooperativas de consumo, entendidos como empreendimentos de economia solidária articulados em torno do consumo. Discutimos aqui os modos pelos quais, por meio de práticas educativas não-formais, esses grupos realizam enfrentamentos ao chamado realismo capitalista (Fisher, 2022). Ou seja, procuramos observar em que medida a participação nestas iniciativas permite deslocamentos na sensação comum de que não é possível a transformação do modo hegemônico de produção.

Os grupos, aos quais em diversos momentos do texto nos referimos como de consumo solidário, para que englobem tanto os GCRs quanto as cooperativas de consumo, têm em comum o fato de serem articulações coletivas e autogestionárias organizadas para a compra da produção agroecológica oriunda da agricultura familiar e da economia solidária, além de alguns empreendimentos urbanos que comercializam principalmente artesanato.

O tema da realidade é emblemático quando nos debruçamos sobre os modos de organizar a sociedade e a economia. Fisher (2022) utiliza-se do conceito de realismo capitalista para se referir ao fenômeno sócio-psicológico através do qual perdemos a





capacidade de imaginar um mundo não-capitalista. Uma crença e uma atitude de que só é possível o mundo tal como está hoje, dominado pelos valores empresariais, se tornou hegemônica na formação da subjetividade. Seria mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo, apesar deste modo de produção ser relativamente recente. A capacidade de suas operações tomarem conta de uma série de processos sociais, temáticas e mesmo desejos, o que estaria supostamente em um nível “interno” ao sujeito, contribui para o fortalecimento do realismo capitalista.

[...] O realismo capitalista, como o entendo, não pode ser confinado à arte ou à maneira quase propagandística pela qual a publicidade funciona. Trata-se mais de uma *atmosfera* abrangente, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação - agindo como uma espécie de barreira invisível, bloqueando pensamento e ação. (Fisher, 2022, p. 33)

A cultura, englobando a música e a propaganda, por exemplo, seriam mecanismos de seguir instituindo o realismo capitalista, mas não o conformam por completo. O realismo capitalista, apontado pelo autor como único realismo, é uma condição importante da experiência contemporânea. A realidade, por essa perspectiva hegemônica, seria algo pré-determinado.

Neste artigo, discutiremos alguns aspectos relacionados à educação exercida nos grupos pesquisados, como trabalho ético de ensino e aprendizagem (com convites efetuados no interior destes coletivos). Juntamente com a reflexão sobre a educação, no sentido de conduzir o consumo para fora (Masschelein, 2008) do âmbito estritamente privado, comparecerão as reflexões sobre o futuro, partindo da própria expectativa de continuidade dos empreendimentos, conforme disparador utilizado na pesquisa. Nesse sentido, nos questionamos aqui: como os grupos articulados em torno da produção e do consumo solidários operam práticas educativas que enfrentam o realismo capitalista, permitindo outras experiências do que é considerado possível?





MÉTODO

A pesquisa se deu por meio da realização de oficinas (Spink; Menagon; Medrado, 2014) com participantes de três Grupos de consumo responsável e duas cooperativas de consumo, e também de entrevistas individuais posteriores aos encontros coletivos. Todas aconteceram na plataforma virtual de reuniões *jitsi meet*. Nos inspiramos no método cartográfico (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), exercido como pesquisa-intervenção.

Junto com os consumidores organizados, também foram convidados produtores, que participaram em alguns casos. As oficinas tiveram duração de aproximadamente uma hora e meia e partiram de duas questões. A primeira foi sobre os aprendizados vividos no coletivo, assim colocada: “Que aprendizados vocês tiveram, ao participar do grupo, que foram surpreendentes ou inesperados?” O objetivo desta pergunta foi adentrar nas experiências concretas de aprendizado, para além da narrativa sobre as proposições políticas dos grupos.

A segunda questão foi um exercício imaginativo sobre como os participantes supunham que o grupo de consumo solidário estaria em dez anos. Se seguiria existindo, como seriam as participações, organização e que tecnologias lhe dariam suporte. Com estas questões, intentamos investigar e promover o pensar coletivo sobre futuros possíveis a serem conjuntamente vividos.

Participaram da pesquisa os GCRs Associação de consumidores Feira Virtual Bem da Terra, da cidade de Pelotas, que funcionou desde o final de 2014; Armazém da Economia Popular e Solidária, de Rio Grande, desde 2016; e o Grupo Araçá de Consumo Responsável, que existe em Novo Hamburgo desde 2015 e possui núcleos também em São Leopoldo e Campo Bom. Além dos GCRs, participaram as cooperativas de consumo GiraSol, existente desde 2006 na cidade de Porto Alegre e La Asamblearia, de Buenos Aires, Argentina, cuja organização mais coesa se dá entre produtores, mas está articulada ao grupo de consumo San Miguel.

No total, 16 pessoas participaram das oficinas, tendo sido feita uma entrevista posteriormente com 07 delas. À exceção da Feira Virtual Bem da Terra, que contou com duas





oficinas com diferentes participantes, foi feita uma oficina com cada um dos demais grupos. A seguir, abordaremos os aspectos que apareceram nas conversas com os participantes e estão relacionados a exercícios de enfrentamento ao realismo capitalista. Em alguns momentos a própria reiteração do fenômeno no interior dos empreendimentos também é abordada. São trazidos fragmentos transcritos das falas das oficinas e entrevistas, que foram gravadas. Todos os procedimentos tomados na estratégia metodológica aqui descrita foram submetidos e aprovados por comitê de ética em pesquisa⁴. A fim de preservar a identidade das pessoas que participaram, seus nomes são substituídos por pássaros, procurando fazer jus às parcerias multi-espécie vivenciadas nos empreendimentos de economia solidária implicados com a questão ambiental.

O REALISMO CAPITALISTA E A EXAUSTÃO POLÍTICA

Fisher (2022) situa na década de 80 a instituição do realismo capitalista, trazendo como um de seus símbolos o slogan de Thatcher de que “não há alternativa”. Uma das condições para tal é apontada por ele como um estado de exaustão política, uma espécie de sentimento de derrota após conclusão do socialismo real, além das mudanças no papel de grupos como sindicatos. O realismo capitalista instaura o sentimento de que pouco ou nada pode ser feito, diante de um real muito bem estabelecido. O autor utiliza-se do conceito lacaniano de Real⁵, entendendo que este é aquilo que a realidade suprime. Ou seja, o Real, no realismo capitalista, é tudo aquilo que não pode ser experienciado, camadas de outras realidades reprimidas. Invocar o Real seria, portanto, na perspectiva de Fisher (2022) uma estratégia contra o realismo capitalista.

O tema da exaustão apareceu de diferentes formas nas oficinas realizadas. Nos encontros com a Feira Virtual Bem da Terra, compareceu bastante a questão da

4 CAAE 60815622.2.0000.5334.

5 O real é aquilo que não é força ordenadora (imaginário), nem estruturas sócio simbólicas que sustentam identidades (simbólico). Ele é uma força disruptiva que se refere a um campo de experiências subjetivas não simbolizadas (Safatle, 2020).





indisponibilidade para as tarefas coletivas. Uma das cenas trazidas por Cacatua foi o pedido de apoio para a organização de uma festa, para o qual foram obtidas poucas respostas.

Eu pedi no grupo três ou quatro pessoas pra organizar uma festa e eu não consegui. E pra mim hoje isso é o retrato da maioria da esquerda. Infelizmente as pessoas, não todo mundo, mas a maioria perdeu a disposição de batalhar por alguma coisa, batalhar mesmo né? Se tu tiver que ir pra frente de um quartel ficar numa barraca por uma semana (risos), tu pode discordar mas a pessoa tá lá pelo que ela acredita, ela tá lá cumprindo o seu papel, que o nosso pessoal hoje não se dispõe a cumprir. (Entrevista realizada no dia 01/03/2023)

Os risos e a ironia se dão por conta da citação dos movimentos, vinculados à extrema direita, que se propunham a não aceitar o resultado das eleições brasileiras de 2022. Segundo a compreensão de Cacatua, falta atualmente à esquerda disposição para os próprios projetos, contrastando com a postura dos grupos de direita. Explorando a hipótese do realismo capitalista, a oficina questionou se ela não pensava que isto poderia estar relacionado a uma certa exaustão dos nossos sonhos, uma descrença na possibilidade de mudança da realidade. Ela indicou que era uma possibilidade e que esta é uma questão que a inquieta e que sempre que tem a oportunidade de conversar sobre, o faz. Citou o golpe parlamentar, sofrido no Brasil em 2016, como um dos fatos que vem há algum tempo desmobilizando a esquerda. Teve o cuidado de dizer que se estivéssemos fugindo do tema da pesquisa, poderíamos retornar. Foi respondido que aquilo também era tema, uma vez que compunha a experiência do GCR.

Na entrevista posterior à oficina realizada com Pássaro Azul, também integrante da Feira Virtual Bem da Terra, ao ser perguntado sobre as afetações que o encontro havia produzido, ele sublinhou a pequena participação dos membros na atividade. Entendeu, assim como as outras pessoas, que mais membros poderiam ter aproveitado a oportunidade da pesquisa para refletir coletivamente sobre o grupo.

A fragilidade da autogestão enquanto prática também apareceu nas oficinas. Pardal relata:

Quando a gente fala, as pessoas adoram essas palavras, *autogestão*, o *trabalho associado*, o *grupo*. Isso assim, brilha os olhos das pessoas e aí a gente fala ‘tem





isso, mas também tem alguns problemas’, as dificuldades e tal ‘não, mas isso faz parte, é do processo’. E aí depois a gente vê que as pessoas, quando elas encontram os problemas, elas fogem, elas não se abrem a discutir, a pensar as alternativas. (...) Então é uma coisa da crítica, só que é uma crítica num lugar de conforto. Porque não tem essa implicação, né? É quase como aquela ideia assim, se eu comprei no supermercado um produto com problema eu vou lá no sac, e aí vai lá e faz uma reclamação num serviço de atendimento, sabe? Então é um processo muito padronizado, muito contaminado por uma lógica cultural. (Oficina realizada dia 16/02/2023)

Na fala de Pardal aparece um certo apelo, uma certa sedução nas ideias de trabalho, associação, autogestão e até de grupo. Canário, ao se referir às perspectivas de futuro da Feira Virtual Bem da Terra, também remete ao fato de a agroecologia hoje ser uma ideia sedutora. No entanto, conforme Pardal relata, há uma dificuldade de sustentar a prática autogestionária no que se refere aos seus problemas. Encontrar soluções coletivamente, de modo diferente das práticas tradicionais de compra de alimentos, como o supermercado. Existe um desejo pelas ideias defendidas pelo grupo de consumo, mas uma escassez de tempo ou de iniciativa para executá-las. Um dos exemplos trazidos por Pardal são as embalagens plásticas, das quais alguns consumidores costumavam reclamar. Os produtores, em resposta, pediam então algum tipo de ajuda ou assessoria, das universidades ou de algum consumidor que trabalhasse na área de alimentos. Por parte da associação de consumo, não havia nenhuma resposta que dialogasse com as próprias reclamações.

Curió, da cooperativa GiraSol, também se refere à distância entre a ideia de autogestão e sua prática:

A autogestão é uma falácia, que é a nossa máxima, que a *Curió* traz, mas mesmo ela sendo uma falácia a gente acredita nela, vai, abaixa a cabeça, volta, tenta sanar, tenta corrigir, tenta avançar também, porque nós não somos educados pro trabalho coletivo, para a autogestão e existe pouca tecnologia social para gerenciar empreendimentos dessa natureza, na complexidade, ter contabilidade, ter administração, ter todas as experiências que são necessárias pra gente constituir uma experiência de autogestão efetivamente. Então acho que a gente tá muito nesse processo de aprendizado, sofrendo em muitos momentos e também neste contexto de crise absoluta, do desmonte de política pública, desmonte de todas as iniciativas de reciprocidade, de cooperação, do desmonte do poder econômico/aquisitivo (...) (Oficina realizada no dia 07/12/2022)





Semelhantemente à fala de Pardal, Curió também se refere à fragilidade da palavra autogestão. No entanto, sublinha que o coletivo do qual participa segue acreditando neste princípio da economia solidária. Não acreditam no ideal, mas na autogestão possível, no esforço coletivo em torno dos problemas. A questão da educação e das tecnologias sociais também são componentes a se destacar da fala de Curió, uma vez que majoritariamente, tanto no consumo como na escola ou outros âmbitos da vida, as formações não são voltadas a este tipo de organização.

Tanto a partir do depoimento de Pardal quanto de Curió, pode-se produzir uma reflexão sobre as figurações⁶ (Haraway, 1997; Ramm; Maurente, 2025) produzidas a partir da autogestão. O discurso sustentado por estes coletivos é, em si, uma prática fundamental para a sua existência e manutenção. Ele não é, no entanto, a única ou o suficiente. Sentir-se convidado pela proposta da autogestão, do trabalho coletivo e da organização em grupo é um passo em direção a habitar uma figuração, uma subjetividade alternativa àquelas produzidas massificadamente nas relações capitalísticas. Habitar a figuração envolve colocar-se no embate, duvidar da falácia, mas, eventualmente, ainda acreditar nela. O que não significa dizer que a proposição e as práticas são instâncias separadas, muito pelo contrário. São indissociáveis, interdependentes, coproduzidas.

Ficcionalizar outros mundos possíveis requer disponibilidade e energia, por vezes incompatíveis com o modo de vida típicos de um tempo em que o realismo capitalista compõe nossas experiências, como uma atmosfera que respiramos. A política exaure-se dos ambientes diversos, incluindo o do consumo. O contexto de aumento no preço dos alimentos e de desmonte nas políticas públicas de diversas áreas nos últimos anos também é apontado por Curió como um fator que desestabiliza o investimento na autogestão, no sentido material de apoio estatal às iniciativas coletivas, por exemplo, mas também no de acreditar na suposta falácia, como dizem os participantes, e fazê-la existir e vibrar. A existência destes grupos, no

6 A figuração aqui não é uma imagem falsa, como poderia ser compreendido no senso comum, mas uma metáfora performativa, a proposta de apresentação de uma subjetividade alternativa.



entanto, é uma tentativa de retomar, ressituar a política no consumo. A exaustão individual e coletiva é, por vezes, um impasse.

SONHAR O FUTURO

Sidarta Ribeiro (2022) fala da dimensão do sonho como fundamental para que possamos ficcionar outros futuros. Ele não separa a vida individual da coletiva, reconhecendo a importância da qualidade do sono, da alimentação e a possibilidade de usufruir do tempo da própria vida para as construções coletivas. Diferentemente dos povos indígenas, por exemplo, que incluem em seus sonhos espíritos e outros seres, Sidarta traz a reflexão sobre a nossa sociedade branca ocidental sonhar apenas com o que vê imediatamente diante de si.

A mercantilização generalizada da vida e a fetichização do dinheiro, quase como esquecimento de sua imaterialidade e papel de mediação socialmente construído, portanto não definitivo, têm dificultado a imaginação de outros futuros. No exercício de pensar os coletivos que participaram da pesquisa para os próximos dez anos, essa dificuldade se mostrou presente. Ao mesmo tempo em que em alguns casos a resposta inicial foi de um não saber, não imaginar o que será do mundo em dez anos, os momentos seguintes foram de reflexão e imaginação. O que mostra que perguntar-se, em pequenos grupos, localmente, sobre os mundos que construímos juntos é uma intervenção na realidade.

Canário, integrante da Feira Virtual Bem da Terra diz sobre o futuro:

Eu não consigo imaginar o mundo daqui a 10 anos, não é só a feira, sabe? (...) Eu fico meio espantada, sabe, gente? Tem uma aceleração, uma aceleração do tempo, uma aceleração da tecnologia que eu acho, não sei me espanta um pouco assim tu pensar daqui a 10 anos né, mas eu imagino a feira existindo, porque eu também não sei se da forma como as coisas tão se constituindo, se a gente não vai ter que ter alguma mudança. Sei lá, se tu pensar o grau de degradação do meio ambiente assim, das relações humanas também, eu não sei se a gente aguenta mais 10 anos sem uma transformação nessas relações, e claro que passa também pela forma que a gente consome, como a gente planta, tudo. Então eu imagino a feira existindo, talvez em outros formatos, talvez a própria mediação, a plataforma como a gente conhece hoje, eu acho que já não, talvez não vai dar conta do grau de tecnologia que a gente vai ter. Então eu não sei muito imaginar como, eu imagino que ela continue existindo. Mas eu acho que pelo ritmo das coisas, eu acho que mais pessoas, enfim, não sei se



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



eu to acreditando demais, mas acho que as pessoas vão ter que fazer algumas mudanças, sabe? Eu não sei se a gente suporta mais dez anos dessa forma, da forma como a gente tem vivido, sabe? Tão individual também, tão... não sei. (Oficina realizada dia 16/02/2023)

A aceleração do desenvolvimento da tecnologia, exemplificada por Canário na oficina pelos recentes avanços da inteligência artificial, como o ChatGPT, é apontada como um fator dificultador da imaginação do futuro. Se as tecnologias modulam os mundos que habitamos e somos, e a grande maioria da população é alheia a este desenvolvimento, produz-se a sensação de incapacidade de saber qual será o papel dos humanos e dos não-humanos na constituição da sociedade. Ao mesmo tempo, Canário atribui esperança ao fato de que as respostas ambientais ao antropoceno forçarão uma mudança ampla, possivelmente antes mesmo do período de dez anos. O consumo estaria incluído entre as mudanças individuais e coletivas necessárias e, conseqüentemente, mais pessoas se agregariam a experiências como a da Feira Virtual Bem da Terra e ela seguiria existindo, ainda que em outros formatos e mesmo com outra plataforma. O cenário ambiental devastador, aqui, não aparece como fonte de exaustão política mas como uma necessidade de transformação nas relações humano-natureza-tecnologia, nas composições sociais, que se impõe como urgente. Fisher (2024) posiciona-se como um aceleracionista de esquerda, no sentido de entender, semelhantemente à projeção de Canário, que o avanço do capital e sua destruição caminham em sentido semelhante, retomando a leitura marxista da história. Compreende também que o futuro é pós-capitalista, de modo que não há como retornar a uma condição anterior.

Cacatua, também da Feira Virtual Bem da Terra, refere-se a um certo distanciamento entre o sonho e a realidade. Os sonhos seriam entendidos como muito trabalhosos, enquanto outros aspectos da vida também *dão trabalho*, mas a dedicação a eles é mais naturalizada. Ao fazer e lamentar esse diagnóstico, ela afirma que seguimos com a necessidade vital de estruturas como o GCR, ou os sindicatos, por exemplo, como fortalecimento coletivo. Cacatua retoma assim a questão da exaustão política, referindo-se a uma dimensão abstrata de sonho, cujo trabalho concreto (Ramm; Raniere, 2019; Bloch, 2006) sobre a realidade estaria enfraquecido.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





FORMAÇÃO DE CONSUMIDORES - A CADA ATO DE VENDA?

Tacuarita Azul, ao contar sobre a história do empreendimento que compõe, remonta ao fato de que na Argentina, assim como no Brasil, historicamente há universidades e professores de diversas áreas envolvidos com as reflexões e as iniciativas de economia solidária. Em uma ocasião, rememora ela, um destes professores disse algo que tem acompanhado sua relação com o grupo ao longo dos anos: “el consumidor que ustedes van a buscar no existe, lo tienen que construir’ algunos no entendimos mucho y después entendimos. El consumo responsable no se da, no crease como un hongo en ningún lado.” (Oficina realizada em 03/02/2023).

A ideia de que o consumo responsável não se dá como um fungo, mas que demanda uma construção e que, portanto, o consumidor responsável não existe em si, diz da economia solidária como um processo educativo. Ela refere-se ao consumo responsável como uma aspiração, no sentido de que a motivação inicial da organização coletiva não tinha a ver com a discussão da sustentabilidade ambiental, mas com uma possibilidade de trabalho para as pessoas que se encontravam, incluindo ela, naquele momento desempregadas. Trabalhar em grupo foi possibilitando que o consumo responsável e a educação efetuada na relação com os consumidores fosse concretamente uma aspiração. Ela conta que alguns não entenderam muito e depois entenderam, indicando que foi um problema que permaneceu (Ramm; Maurente, 2025) ao longo da história do empreendimento.

Sobre a educação para o consumo, ela entende que

La actitud al cada acto de venta también empieza a perfilar, es tu tribuna en cada acto de venta, hay que estar formando todo el tiempo y más donde la logística se complica, como en todos lados acá cayó el sistema monopolizado y centralizado como uber, bueno, hasta bicicletas en reparto. Los chicos son dos ingenieros en un país de Europa (...) estos sistemas por internet de reparto, ir contra eso era ir contra los molinos de viento. Te viene una bici o una moto de estos sistemas (...) de entregas de chicos en bici. Entonces cuando un cliente te dice “te mando un chico, necesito ligero” “no, no lo mandes, no te voy a vender” porque no queremos que venga un chico en bici (...) yo por ejemplo me niego a usar el servicio. No lo voy a usar nunca, un día, una noche, estoy con un amigo y alguien pide empanadas o pide una comida y yo estoy ahí, o sea, en algún momento uno comete el pecado. Es muy difícil decir no, yo no. Entonces te lo quiero decir en la cooperativa no aceptamos eso. y por que no aceptan? Por eso, por eso y por otro. Ahh, pero es opción laboral...





pero es una porquería. Que venga acá, que trabaje con nosotros, bueno... (Oficina realizada em 03/02/2023).

Aqui, Tacuarita Azul toca no ponto importante sobre a diferença de um consumo responsável, envolto com o bem-viver coletivo, da ideia de uma responsabilização individual, de um dizer não solitário aos produtos do capitalismo. Como no exemplo trazido por ela, algumas escolhas individuais podem não ser sustentadas em situações sociais, como a comida pedida na casa de amigos por uma plataforma extrativista. Quando um coletivo articulado tem decisões politicamente embasadas para o seu funcionamento, no entanto, pode-se encontrar uma ética, inclusive no plano das explicações, como trazido por ela. Tanto as ações realizadas como a justificativa delas, oferecida aos consumidores, participam de uma posição educativa relacionada aos temas pertinentes ao consumo.

No âmbito da venda e produção, que é o lugar de onde Tacuarita Azul especialmente fala, esta sustentação coletiva da ética da economia solidária se dá de modo diferente dos grupos voltados primordialmente ao consumo. Nestes, embora sejam fundamentais as proposições coletivas e a sustentação de uma ética educativa igualmente coletiva, as escolhas individuais e familiares de compra e alimentação acabam tendo especial participação na viabilidade dos grupos.

A questão da viabilidade apareceu com especial importância nas oficinas com a Feira Virtual Bem da Terra e com o Grupo Araçá. Ambos compartilham algumas dificuldades e remetem a algumas específicas de cada um. Dentre as compartilhadas, está a questão do trabalho voluntário, o desafio de organizar os mutirões, questão também trazida pelo Armazém da Economia Popular e Solidária. Um questionamento específico sobre a viabilidade trazido pelo grupo Araçá foi uma quebra de confiança em relação à gestão financeira do grupo. Bem-te-vi relata:

E aí a gente fez uma retomada do Araçá agora na assembleia, a gente tem duas assembleias por ano e na assembleia que a gente teve no meio do ano a gente decidiu que era uma assembleia de retomada, onde um grupo se colocou como sendo um grupo de viabilidade porque a dúvida era essa: a grana sumiu porque o Araçá não é mais viável ou a grana sumiu por outros motivos, né? E aí a gente formou um grupo, que a gente chamou de comissão de viabilidade, que essa tarefa de referência





tá distribuída entre cinco pessoas e a gente tem visto que rola bem, ter mais pessoas fazendo, mantendo o diálogo sempre, e acho que esse foi um outro aprendizado, como manter o grupo ainda que a gente tenha tido uma quebra de confiança e dessa dúvida em torno da viabilidade. (Oficina realizada em 06/12/2022)

O fato do dinheiro destinado ao funcionamento do GCR ter desaparecido sem que tenha se encontrado uma explicação produziu uma dúvida sobre a questão da viabilidade e uma espécie de *breakdown*⁷ em relação às ações éticas nesse tipo de coletivo. Não seria esperado haver uma quebra de confiança, suscitando dúvidas sobre os laços comunitários construídos ali. A solução encontrada foi coletivizar uma tarefa que era individual, a da *pessoa de referência*, responsável por abrir o ciclo de compras e cuidar das operações de caixa. O grupo de trabalho, conforme referido na fala de Bem-te-vi, composto por cinco pessoas, tem conseguido manter o funcionamento do coletivo. Este acontecimento talvez possa desmistificar a ideia de uma ética pura, focada na mera execução de valores morais elevados, como a solidariedade e a transparência. A ética é antes, performance coletiva, construção também a partir de dissensos, e, conforme apontado por Varela (1992) confronto com a situação presente a que se necessita responder.

Parte da formação dos consumidores, produtores e todas as pessoas envolvidas diretamente nestes grupos envolve construir estas respostas às situações que recolocam os problemas habitados pelo coletivo. Não é uma sentença exterior, mas a organização de uma resposta que recoloca a viabilidade, ainda que não de forma absoluta e que a dúvida ou o problema sobre ela permaneça. Sobre a construção destes aprendizados, o grupo Armazém situa a dificuldade de encontrar tempo para que os consumidores possam ter momentos formais de formação, e além disso, a baixa participação em atividades cotidianas do GCR também dificulta esta formação “a cada ato de venda”, como referido por Tacuarita Azul.

⁷ Uma interrupção no fluxo habitual da cognição (Varela, 2003).





ESPAÇOS FORMAIS DE FORMAÇÃO

Nos grupos voltados ao consumo responsável, costumam acontecer atividades especificamente voltadas à formação de consumidores e/ou produtores. Na Feira Virtual Bem da Terra, por exemplo, para ingressar ao coletivo, é necessário participar de uma atividade formativa de acolhida. Espaços de formação continuada, incluindo práticas como visitas a produtores também são previstas nos grupos gaúchos pesquisados. No entanto, elas demandam planejamento e organização e nem sempre são frequentes.

As participantes da oficina do Armazém da economia popular e solidária, ao se referirem a um certo individualismo que se sobrepõe aos valores morais coletivos entre os consumidores, entendem que o que falta é formação, tolhida pela escassez de tempo e disponibilidade. Para voltar a conversa para um processo de atenção a si (Depraz; Varela; Vermersch, 2006) em relação ao grupo de consumo, aicineira questionou como isto se dava para elas, uma vez que a vida também era corrida e seguiam escolhendo estar naquele espaço. Beija-flor então respondeu que a transformação importante em relação ao consumo e a uma crítica aos processos socioeconômicos de forma mais ampla se deu quando participou a integrar o Nudese⁸, da Furg:

Pra mim em especial foi o encontro aqui com o Nudese, (...) e foi o Nudese que me abriu as portas, pra pensar sobre as coisas porque assim ‘ah núcleo de consumo, ah núcleo de desenvolvimento social e econômico’, o que que é isso? Eu tinha uma ideia completamente diferente, aí quando se chega no Nudese e se vê o tipo de trabalho que é feito, o envolvimento com a comunidade, a luta pela economia solidária, a gente começa a entender muitas coisas (...) Então eu acho isso importante, que as pessoas tenham alguma forma de acesso. E o meu acesso foi o Nudese, foi estar dentro da universidade e poder discutir, e poder participar das reuniões. (Oficina realizada em 29/11/2022)

Como trabalhadora da universidade, Beija-flor encontrou no Nudese as discussões sobre economia solidária e sobre outras possibilidades de organização social. Ela cita Calopsita, também presente na oficina, com quem teve aprendizados e embates, especialmente quando chegou ao núcleo.

⁸ Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande.





Gente, eu tinha um milhão de dúvidas, porque assim, tu vem de um sistema que te absorve, então tu tem muita coisa, tu passa o tempo inteiro perguntando e questionando, e até hoje, tem momentos que eu caminho pra frente e daqui a pouco eu vou pra trás de novo, mas é isso, é um aprendizado diário e com certeza o que me trouxe foi o Nudese, foi assistir as formações do Nudese e participar das atividades com o pessoal, e mesmo cheia de dúvidas, de indagações não desistir do núcleo, e hoje eu sou uma pessoa completamente diferente da que conheceu o núcleo há 7, 8 anos atrás. A *Calopsita* sempre disse pra mim, é um processo, tu não vai entender isso da noite pro dia. (Oficina realizada em 29/11/2022)

Conforme nos provoca Tiriba (2007), parte do fazer educativo da economia solidária é a produção de perguntas por seus trabalhadores. Beija-flor se refere às dúvidas que tinha ao se deparar com outro tipo de organização do trabalho e outra concepção de sociedade. A experimentação desta ética, no entanto, não se dá de modo definitivo, como um renascimento completo ou uma saída do sistema de que anteriormente se participava, mas é um processo que continua no tempo. Ela refere que caminha para a frente e daqui a pouco volta para atrás, na compreensão, na esperança e na forma de acolher as próprias dúvidas. O exercício ético, entendido neste texto como trabalho sobre si (Foucault, 2004), e modo de responder às situações cotidianas (Varela, 1992), nos coletivos, consiste precisamente nestes passos que não são apenas lineares ou “para a frente”, mas comportam desvios.

A participação da universidade também é referida como fundamental, por Calopsita, quando na oficina foi questionada sobre o futuro do grupo. Ela disse que os próximos dez anos dependerão das políticas públicas executadas e da situação em que estará a universidade. Aicineira perguntou, então, se ela entendia que a universidade seguirá sendo de fundamental importância para a manutenção do GCR nos próximos anos, ao que ela respondeu:

O papel da universidade seguirá sendo fundamental, não necessariamente no GCR, mas na agricultura, em alguns processos, a universidade tem esse papel, pelo menos na área em que a gente tá, acho que é fundamental, quem sabe em outro momento histórico os grupos consigam andar, mas acho que é muito importante que tenha uma assessoria da universidade. (Oficina realizada em 29/11/2022)





Ela fala desde um lugar de trabalhadora da extensão, entendendo que a universidade seguirá sendo fundamental, não necessariamente na organização dos consumidores, mas na assessoria aos agricultores, por exemplo. A sustentação da discussão da agroecologia e da economia solidária mostra-se importante neste contexto e as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares ou núcleos como o Nudese e o Tecsol⁹ exercem este papel. A formação planejada e executada em atividades de ensino e extensão da universidade, neste contexto orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da educação popular, é complementar àquela exercida no cotidiano prático dos grupos.

A VIRADA DE CHAVE

Como consequência dos processos formativos vividos enquanto trabalhadora da universidade, ao se relacionar com a realidade da economia solidária, Beija-flor fala em uma virada de chave:

A gente luta muito pra conseguir entender essa outra sociedade que a gente começa a querer, porque aí tu entende a sociedade que tu vive e a sociedade que poderias viver se as coisas fossem diferentes. E eu acho que é essa a mudança de chave, é que nem tu comer a cenoura, lá da horta e tu comer a cenoura do mercado, é quando tu passa a entender que poderia ser de outra forma, que as pessoas poderiam ter outra vida, outra qualidade de vida. Então, assim, é uma chave que não volta, né? E aí claro, tu fica brigando contigo mesmo toda hora. Pra tu ter uma ideia como é louco, ontem nós saímos porque tinha um jogo da seleção. Aí eu cheguei na minha casa, fiz um suco geladinho e fui ver a seleção. Na frente da minha casa tem uma obra enorme, e eu percebi que nenhum deles foi liberado pro jogo, nem um momento de descanso nem coisa nenhuma. Me incomodei muito de ouvir todos os equipamentos funcionando na hora do jogo, [ai desculpa, me emocionei], e entender que eu tenho privilégios que os trabalhadores do outro lado da minha rua não têm. E que quando comemoramos o jogo do Brasil, tu sai lá fora na janela pra eles verem que foi gol. Então é essa sociedade que a gente vive e que a maioria das pessoas entende como normal e tu passa a entender que não é normal. Que as pessoas não teriam que só trabalhar, que as pessoas teriam que ter lazer, teriam que ter direito, teriam que se alimentar bem, teriam que viver bem, e as pessoas são exploradas. Então essas são as chaves que ligam em ti e que não desligam mais, e que possivelmente 10 anos atrás eu não teria percebido. Mas ontem eu percebi, e me incomoda. (Oficina realizada em 29/11/2022)

⁹ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Tecnologias Sociais e Economia Solidária da Universidade Federal de Pelotas.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





A vivência da economia solidária, convivência com seus trabalhadores, contato com seus pressupostos teóricos fez, segundo Beija-flor, com que ela passasse a querer outra sociedade. A inscrição em uma ética e em um desejo implica alguns destes conflitos descritos por ela. Brigar consigo mesma é um trabalho sobre si a partir dos valores da economia solidária, em contraste com o individualismo neoliberal que também nos constitui. A sensação de que a chave não volta indica uma incorporação da crítica à sociedade existente e uma constância do querer de uma nova sociedade, que passa a existir com ela.

A posição de privilégio em relação aos trabalhadores da obra é apontada como fonte de conflito, de modo que as cenas do cotidiano passam a não mais integrar um contexto óbvio, mas fonte de questionamento. O contraste entre a cenoura advinda da horta e a do supermercado foi outro exemplo debatido em alguns momentos da oficina, como a intervenção de um alimento, um elemento não-humano, na sensibilidade da participante no tema do consumo. Ela diz que o sabor, diferente e melhor, dos alimentos agroecológicos, dão a dimensão da possibilidade de outra sociedade, outro modo de viver. Beija-flor conta também que tenta inserir outras camadas narrativas quando oferece morangos à sua neta de três anos, por exemplo. Menciona o agricultor que os produz, procura criar uma experiência diferente da que temos no supermercado, alienada dos processos de produção.

Querer outra sociedade, neste caso, torna-se possível a partir de alguma fresta que se abre no realismo capitalista. Significa permitir escapar o Real suprimido pela realidade do capitalismo, a partir de experiências de resistência. Fisher (2022) fala que o anticapitalismo, como discurso, inclusive bem produzido a partir do cinema, por exemplo, é incorporado ao realismo capitalista e contribui para a sua manutenção. O capitalismo não demanda propaganda positiva para sua continuidade, mas de uma tácita aceitação de uma realidade movente sobre a qual não se tem controle. Os processos autogestionários e as relações não exploratórias de trabalho, por sua vez, não funcionam como propaganda anticapitalista, mas como alternativa prática que se apresenta e opera uma transformação na subjetividade, uma espécie de virada de chave.





Pardal, na oficina da Feira Virtual Bem da Terra, também se refere a uma virada de chave:

É o conhecimento, mas talvez se a gente for trabalhar numa perspectiva psicanalítica, não é só o conhecer, mas é também o elaborar. Porque é mais ou menos como a gente tornar algo consciente (...), o fato que às vezes a gente não se apropriou do que a gente tornou consciente. Então eu fico pensando que tem um conhecimento, mas tem também uma espécie, eu fui pegando um pouco de dificuldade com a palavra conscientização assim, porque ela parece que foi se tornando algo muito acabado, muito pronto, muito determinado, mas é quase como se fosse isso assim, como se a gente entendesse de fato, de novo, vou usar outro exemplo, a questão do exercício físico, eu e a Canário a gente tem conversado bastante sobre isso né? É quase como isso, a gente entender a necessidade de algo, por exemplo o exercício físico, mas não conseguir tornar isso uma constante, então é quase como se uma coisa tivesse na consciência, no pensamento, mas ele precisasse chegar talvez no campo, não sei que lugar é esse, se é do sentimento, mas é em algum lugar que faça a mudança de chave, digamos assim, ou a virada de chave. (Oficina realizada dia 16/02/2023)

Pardal fala sobre os processos de formação, que, no entanto, nem sempre operam transformações práticas no agir dos consumidores. Saber das produções do consumo responsável, do funcionamento do GCR, segundo sua perspectiva, não seria o bastante, mas seria necessária uma elaboração deste conhecimento, para além da consciência. Esta elaboração seria a virada de chave, também mencionada por Beija-flor. Essa reflexão nos ajuda a corroborar a ideia de Fisher (2022) de que a “propaganda” anticapitalista não necessariamente opera transformações. É necessária uma experiência, ainda que no âmbito da palavra, da conversação, das reuniões, como referido por Beija-flor, que sustente este conhecimento de uma realidade alternativa.

Para retomar, a posição construída na oficina com o grupo Armazém da Economia Popular e Solidária, pelas suas participantes, é de que a formação é o que possibilita a inscrição nos princípios da economia solidária, além do aprendizado com grupos que têm outros costumes, como a população rural. De forma um pouco diferente, Bem-te-vi, do grupo Araçá, na entrevista pós oficina, sustentou a primazia das relações práticas em relação aos princípios, no sentido que as primeiras geram os segundos. Nós só teríamos o valor da solidariedade porque temos relações entre pessoas que permitem esta prática.





A partir das escutas que foram possíveis na pesquisa, pode-se reafirmar a retroalimentação entre as experiências formais e não formais nos grupos articulados a partir do consumo. Identificamos, em algumas falas, maior prioridade aos espaços formais de formação e ao contato com as construções teóricas, enquanto em outras a formação dos princípios se dá a partir das práticas, estas sim protagonistas. A relação entre ambas as formas de aprender, no entanto, esteve amplamente presente e pode ser considerada um consenso encontrado. As transformações efetuadas por essa vivência educativa operam o que as participantes chamaram de virada de chave em relação ao realismo capitalista.

A BUROCRACIA E A VIDA REAL

Em alguns momentos, nas oficinas, os participantes de diferentes grupos mencionaram a desejabilidade da diminuição das idas ao supermercado, chegando a se referir a esta atividade como uma “tentação”. A tentação de ir comprar o que faltou antes da retomada do ciclo do grupo de consumo. A palavra, relacionada a uma certa sedução ou até à ideia de pecado, toca nas formas de convencimento para o consumo operadas no capitalismo e que estes grupos procuram criticar. O supermercado também é referido como exemplo de desimplicação, quando algumas pessoas se referem a companheiros de grupo que não se envolvem nas atividades do GCR, ou que reclamam de problemas nos produtos como se fosse para o SAC de um supermercado, sem o investimento na relação com os produtores que seria esperado nestes coletivos.

Pássaro Azul, da Feira Virtual Bem da Terra, ao se referir aos aprendizados que tem tido ao participar do grupo, contrapõe a experiência ali à “vida real”, na qual o estímulo para o consumo e o individualismo é constante:

Eu acho que o fato de a gente tá num grupo de consumo já é um aprendizado né, porque na vida real a gente tá sendo estimulado a todo momento ao individualismo. Quase nada a gente faz de modo coletivo. Eu acho que o fato da gente consumir em conjunto né, a potência que isso tem, é um aprendizado. Agora se todos estão aprendendo ou se todos estão experimentando só de curiosos e depois não aparecem mais... Muita gente vai lá, se inscreve na plataforma, depois não volta mais. Então a



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



gente fica pensando, é tão legal a gente entender que existe um processo, eu acho que processos coletivos sempre nos fazem aprender muito, é muito aprendizado, vários exemplos, eu acho interessante isso, só que a gente fica pensando por que será que não tem tanto sucesso, poderia ter mais sucesso, a gente vê lá o que aconteceu com o grupo de Canguçu, os outros grupos, os grupos em geral tão pouco mobilizados, os gcrs todos né, então apesar de ser um aprendizado interessante parece que a fidelização não é tanta assim. (Oficina realizada em 08/02/2023).

Pássaro Azul acredita que a participação no grupo é inerentemente rica em aprendizados, em oposição à vida real, que pode ser lida aqui como o realismo capitalista, que suprime inclusive, formas de aprender com o outro. Ele observa, no entanto, assim como outros participantes do mesmo GCR, que a fidelização não tem sido comum, a rotatividade na Feira Virtual Bem da Terra tem sido alta. Para além deste empreendimento, ele cita grupos de outras cidades, como Canguçu, que chegaram a existir por um tempo e não houve continuidade. Sustentar uma estrutura de abastecimento que requer engajamento para além da compra pode ser desafiador.

Ao ser questionado sobre o significado do termo “vida real”, ele respondeu:

É, a palavra talvez não seja vida real, porque isso aqui é vida real, mas no dia-a-dia da gente cada um consome individualmente, eu vou no supermercado na hora que eu quero, queria que fosse 24 horas, se fosse 24 horas quem sabe as 4 da manhã eu fosse lá, fizesse compra sozinho dentro do mercado, não quero encontrar fila, não quero encontrar ninguém, então a gente é muito estimulado a fazer compras individuais, então o que eu chamei de vida real é isso né? O estímulo que a vida traz pra que a vida seja muito individualista e eu queria corrigir isso participando de mais grupos né, então eu optei por esse aprendizado: vamos organizar grupos, vamos consumir em grupos.

A vida real, neste lugar de realismo capitalista, é a ética neoliberal de individualização da vida e de busca do conforto. O supermercado é o exemplo frequentemente aludido nas oficinas, mas poderiam ser os sites de *e-commerce*. Os outros são tomados, na fala de Pássaro Azul sobre a cultura hegemônica de consumo, como incômodos, filas. Em oposição, os grupos de consumo objetivam algo próximo da formação de uma comunidade. Haraway (2021), ao evocar os parentescos que fazemos com bichos humanos e não-humanos, se refere à ideia de alteridade significativa, que basicamente é o outro que passa a ser importante em

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





uma relação. A ideia da formação de um grupo de consumo situa outros consumidores como alteridade significativa, no sentido de que participam da vida do sujeito ou família que ali compra e convive. Existe um contraste entre uma proposição burocrática em que o outro é uma fila e em que o outro é um parceiro, um parente, na constituição ativa de um coletivo.

Fisher (2022) fala da burocracia como um elemento importante da subjetivação no contexto pós-fordista. Haveria um Grande Outro inacessível, produzindo irresponsabilização. A solução dos problemas é frequentemente delegada a alguma instância superior, que nem sempre existe, ficando alguns problemas insolúveis. O autor cita o exemplo prático do funcionário que informa que infelizmente não poderá resolver a solicitação apresentada. Haveria sempre uma instância superior na “vida real”, o que evita o desconforto. Na autogestão, por sua vez, há a expectativa declarada de que esta instância não exista, que os problemas do coletivo sejam resolvidos no coletivo mesmo.

Também na mesma oficina com a Feira Virtual Bem da Terra foi trazida a questão da burocracia como um entrave à participação ou ao interesse de mais pessoas permanecerem. Alguns elementos do funcionamento do GCR, como as diversas planilhas com que os membros da coordenação precisavam lidar, assim como as regras para participação do grupo foram citadas. Chegou-se a comparar com a lógica da universidade e as normas da ABNT, que podem ser desanimadoras para quem não é familiarizado e afastar pessoas. Ao mesmo tempo, Cacatua afirmou que várias destas burocracias já foram flexibilizadas há algum tempo, não obtendo o resultado esperado de maior fidelização e engajamento de consumidores.

Alguns elementos organizativos necessários à gestão do grupo podem ser eventualmente colocados no lugar da burocracia. Ao mesmo tempo, a inserção dos membros dos GCRs na sociedade capitalista, com seus mecanismos burocráticos que conformam subjetividades, também pode trazer a burocracia para dentro do grupo, produzindo desresponsabilização e dificultando a autogestão.





ALÉM, PORÉM AQUI¹⁰

Um elemento amplamente presente na pesquisa foi a ideia de que os grupos de consumo responsável, cooperativas de consumo e outros empreendimentos de economia solidária não são apenas uma via de comercialização de alimentos. Bandoleta, da cooperativa GiraSol, fala da importância da constituição do espaço, físico e de relações, no sentido de os consumidores terem acesso a informações que não são comumente disponíveis, como a sazonalidade e a origem dos alimentos que não são produzidos localmente. Além disso, ela enfatiza que a cooperativa GiraSol não é apenas uma loja de agroecológicos, diferenciando também da perspectiva do “orgânico”, que considera apenas o alimento, sem tanta importância às relações sociais que o circundam e especificam sua produção. A inclusão de pautas como a luta antirracista, o feminismo, a luta pelos direitos da população LGBTQIAPN+ também sublinha a característica da cooperativa de pretender fazer mais do que vender alimentos. A produção deste “além”, que, no entanto, não é menos relevante, parece se dar no âmbito das relações cotidianas. É diferente, ou pretende ser, da apropriação capitalista das lutas sociais. Não é como as propagandas de grandes redes de lojas, que incluem, por exemplo, a valorização das mulheres, fazendo uma versão neoliberal do feminismo. É, no entanto, a adesão ao discurso das militâncias acompanhada de práticas econômicas e sociais, que, ainda que com suas contradições, operam resistência às forças capitalísticas que nos constituem. Ao mesmo tempo em que não é “simplesmente” uma loja de alimentos agroecológicos, é ali que são possibilitadas uma série de convivências importantes, geradoras de alteridades significativas e de acesso a informações e construção de aprendizados.

O crescimento dos empreendimentos apareceu de modo semelhante na oficina com a cooperativa GiraSol e na oficina com Tacuarita Azul, da cooperativa la Asamblearia. Curió fala da importância da expansão de acesso ao alimento saudável:

¹⁰ Subtítulo inspirado no título homônimo da música da banda “O teatro Mágico”.





Se por um lado o desejo é que a gente possa expandir e ter essa experiência da GiraSol replicada ou ter muitas outras experiências similares à GiraSol atuando no espaço de comercialização entre agricultores e consumidores, mas acho que o desejo mais profundo e mais genuíno que nos move também na GiraSol, inclusive é cláusula estatutária, e foi muito profundamente discutida é a gente conseguir popularizar o acesso ao alimento orgânico, ao alimento saudável. É da gente conseguir também construir que esse direito a uma alimentação saudável que hoje é restrito a uma camada pequena da população que tem condições de pagar, que ele possa, e aí necessariamente a política pública tem que se fazer presente. (...) Fortalecer a GiraSol não só como empreendimento, mas a GiraSol como movimento do cooperativismo, da economia solidária, da economia feminista, e aí tu fortalece muita gente e os novos tempos precisam passar por aí. Essa nova economia e essas novas formas de fazer que valorizam o bem-viver, valorizam as boas relações, valorizam as relações justas de trabalho, as convivências, a vida pessoal de cada um que tá no empreendimento e fortalecendo essas pautas através de políticas públicas para os empreendimentos onde essas pautas estão. (Oficina realizada no dia 07/12/2022).

Curió ressalta a importância da expansão e qualificação das políticas públicas de acesso ao alimento agroecológico, para sua popularização. Assim, o crescimento da cooperativa é colocado como simultaneamente crescimento dos movimentos sociais que ela representa: o cooperativismo, a economia solidária, a economia feminista. Além da viabilidade, social e econômica, que é uma questão frequente para empreendimentos de pequeno e médio porte, o crescimento nesse contexto tem um sentido divergente do significado usual de acumulação presente nas empresas capitalistas. Assumidas, explícitas ou não, há sempre éticas implicadas nos modos de produzir e vender os produtos necessários à manutenção da vida, mas o que é referido como crescimento aqui é a expansão de relações baseadas nas políticas que o empreendimento procura exercer, junto com o elemento da justiça e segurança alimentar.

Fisher (2022) critica um padrão de ação da esquerda que envolve a aceitação do fracasso de suas iniciativas, focando excessivamente em um horizontalismo pouco estratégico. Nesse sentido, a oficina com a cooperativa GiraSol ofereceu elementos interessantes para pensar a importância do crescimento, que é mais do que de um empreendimento, mas também de outras realidades para além do realismo capitalista.





Tacuarita Azul também menciona a questão do crescimento da cooperativa la Asamblearia, afirmando que nunca foi o objetivo do empreendimento crescer individualmente, expandir pontos de comercialização ou oferta de tipos de produtos. Ela explica que em alguns momentos eles funcionam como nós de comercialização para outros empreendimentos de outras regiões, ligados aos mesmos movimentos políticos, para produtos como açúcar, por exemplo. Isto não implica uma relação de atravessador ou de lucro para a cooperativa. Crescer para os grupos que integram a cooperativa la Asamblearia, portanto, também tem a ver com a expansão do cooperativismo e da economia solidária.

A característica de movimento social da economia solidária, para além, e ao mesmo tempo por meio da comercialização, está presente de modo a travar diversas lutas, conforme aparecem nos depoimentos de Bandoleta, Curió e Tacuarita Azul. Parece, portanto, que esta característica, que coloca na base de iniciativas econômicas outros objetivos que não apenas a arrecadação financeira, pode produzir um desvio na ética vivenciada a partir do realismo capitalista. Também o espaço do trabalho e do consumo se tornam políticos, diferentemente de uma vida em que prevalece o sentimento de que nada se pode fazer para transformar uma realidade que acontece e se modifica à nossa revelia, diante de nós.

Como vimos discutindo, não completamente dissociada do crescimento está a questão da viabilidade, da continuidade dos grupos. Eles não raro passam por crises, financeiras, de modelo, de participação, entre outras dificuldades que eventualmente colocam em dúvida a possibilidade de funcionamento dos GCRs. Pardal conta de conversas que já teve com outros participantes da Feira Virtual Bem da Terra sobre a possibilidade de encerramento do GCR, ou mesmo a aceitação de que ela não funcionou conforme a idealização coletiva:

Lembro de conversar com algumas pessoas, fazendo avaliações sobre a feira e elas dizerem: a gente tem que entender quando determinados processos não correspondem ao que a gente idealizou, não é nem idealizou, mas o que a gente esperava que eles fossem. E a gente tem que compreender a realidade, não é a realidade que tem que se adequar à expectativa que a gente tem. E aí às vezes eu pensava assim: humm, mas eu não quero. Eu quero continuar acreditando que isso em algum momento pode dar uma reviravolta, isso pode mudar, alguma coisa pode acontecer, de repente é uma crise, daqui a pouco volta, sabe? (...) Ela precisa ir até o momento que ela se reconstrua ou que ela se reorganize, mesmo que seja pra criar



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



uma coisa diferente, mas que seja uma coisa como uma consequência disso, não uma experiência assim, não é como um empreendimento que só fecha a porta e aí encerrou, vai lá e dá baixa na sua história. (Oficina realizada dia 16/02/2023)

A fala de Pardal revela uma insistência em não se conformar com uma espécie de realidade dada, com a sensação cada vez mais frequente de que as iniciativas coletivas fracassam. Ela propõe que talvez no futuro o GCR possa ser algo diferente, mas que faça jus à sua história. Tacuarita Azul, da cooperativa la Asamblearia, também fala do papel do consumo na construção de outra realidade:

Yo digo que se puede seguir sobreviviendo, que no siempre es bueno sobrevivir, sobrevivir con dignidad. Pero estamos muy amenazados y lo que tenemos que hacer, lo tenemos que hacer, no perder consciencia de los gestos que pueden modificar la realidad, porque la realidad no está dada, la hacemos nosotros. El consumo es uno, como está uno con uno mismo. El consumo es un gesto que modifica la realidad. No importa la escala, porque siempre es contra los molinos de viento, siempre. (Oficina realizada em 03/02/2023).

Sobre a sobrevivência do grupo, trata-se de uma reflexão feita por ela sobre a continuidade, a percepção sobre o futuro. Não basta ter como objetivo sobreviver a qualquer custo, mas seguir com as práticas que modificam a realidade, inclusive por meio do consumo. Em sentido semelhante, para a teoria da enação (Varela, Thompson e Rosch, 1993), não há sujeito, objeto e realidade dados a priori, mas uma construção corporal, cognitiva, a partir dos encontros do sujeito que forja seu mundo. Assim pode ser compreendida a contribuição de Tacuarita Azul: o consumo, com sua participação na relação de cada pessoa consigo mesma, constrói a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do reconhecimento apontado por Fisher (2022) de que algum anticapitalismo é perfeitamente assimilável ao realismo capitalista, poderíamos nos questionar se a economia solidária e, especificamente os grupos organizados em torno do consumo, não fariam papel semelhante. Diferente da forma como temos consumido produções artísticas e culturais,

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





muitas vezes embasadas pela ciência ao apontarem que os modos de vida atuais não são mais compatíveis com a continuidade da humanidade, a autogestão e o consumo responsável não costumam produzir a percepção de impossibilidade de agência. Ao contrário, estas são formas de agência em si. Não consideramos aqui, então, que a crítica à organização social, efetuada nos grupos pesquisados, seja como um anticapitalismo útil ao mercado capitalista, ou mesmo seu fruto. No entanto, é necessária atenção especial aos momentos em que elementos do realismo capitalista, como a exaustão política, tomam conta dos coletivos aqui discutidos. Neste sentido, um GCR ou uma cooperativa não é sempre uma resistência em si, mas precisa ser alimentado pelas problematizações, conversações e ações coletivas.

Em algumas situações, estar em grupo antecede a preocupação ambiental, por exemplo, ou a mantém viva quando já existia, mesmo que esta não seja a razão principal de adesão ao grupo. Em outras experiências, os valores relacionados ao coletivo e ao cuidado ambiental motivam a participação nos grupos. Em ambas as possibilidades, consumir coletiva e organizadamente, o que é mais do que comprar, é participar de um processo formativo, tanto pelos aprendizados construídos no cotidiano, na informalidade, quanto nas atividades formativas em si. Esta formação pretende operar transformações éticas para os sujeitos e coletivos dos quais eles participam.

Alguns valores ético-morais informam práticas exercidas nos coletivos pesquisados, como por exemplo a solidariedade e a cooperação. O fazer educativo destes grupos, no entanto, não pode ser garantido por estes e outros valores, mas se dá na sutileza das cenas em que se torna possível sonhar e inventar outros mundos. É no caráter experiencial da crítica da economia solidária que reside um dos seus maiores potenciais educativos.

A educação, aqui, é para sonhar. Poder prestar atenção aos sabores e às histórias para então acessar camadas de realidade e de possibilidades suprimidas pelo realismo capitalista. Nem sempre acontece, mas é uma tentativa dos que insistem em fazer dos GCRs e cooperativas movimento.





REFERÊNCIAS

ALÉM, PORÉM AQUI. Compositor: Anitelli, F. Intérprete: O Teatro Mágico. Álbum: A Sociedade do Espetáculo. São Paulo: Indie, 2011. Fonograma.

BLOCH, E. Liberdade e ordem, esboço das utopias sociais. IN: BLOCH, E. O Princípio Esperança II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, 28-153.

DEPRAZ, N.; VARELA, F.; VERMERSCH, P. A redução à prova da experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 58, n. 1, p. 75-86, 2006.

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

FISHER, M. Um olhar sobre o aceleracionismo. Tradução de Túlio Vianna. **Piseagrama**, v. 6, n. 9, 2014. Disponível em: <https://piseagrama.org/um-olhar-sobre-o-aceleracionismo/>. Acesso em: 29 set. 2025.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **Ditos & Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983-2004, p.141-157.

HAN, B. **Favor fechar os olhos: em busca de outro tempo**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. *Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©_Meets_OncoMouseTM: Feminism and Technoscience*. New York: Routledge, 1997.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

MASSCHELEIN, J. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 33, p. 35-48, jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6685/3998>. Acesso em: 27 abr. 2026.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.





RAMM, L. V.; MAURENTE, V. A cesta: figuração para um cooperativismo de plataforma experienciado em grupos de consumo solidário. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 28, n. 1, p.24-40, 2025.

RAMM, L. V.; MAURENTE, V. Consumo responsável e ética: permanecer com o problema da educação entre natureza e tecnologia. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, v. 30, n. 2, p. 1-21, 2025.

RAMM, L. V.; RANIERE, E. Profanar a utopia: dos cenários sociais em lusco-fusco. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 1, p. 7-29, 2019.

RIBEIRO, S. **Sonho manifesto**: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético políticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 26, p. 32-43, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wrfMHbjhHNppX7Lppk8DMNJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2021

TIRIBA, L. Educação popular e pedagogia (s) da produção associada. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 85-98, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/K7JS4VWcQSK99c9bgNswtZg/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Para%20isso%2C%20um%20dos%20pontos,v%C3%AAm%20tentando%20administrar%20seus%20empreendimentos>. Acesso em: 30 set. 2025.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A Mente Incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 1991.

VARELA, F. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1992.

VARELA, F. O reencantamento do concreto. **Cadernos de subjetividade**, v. 11, p. 71-86, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38767>. Acesso em: 28/04/2026



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



Recebido em: 29/04/2026

Aprovado em: 04/05/2026

Publicado em: 11/05/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.5 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

